

LEITURA DE MINICONTOS E SUGESTÕES PARA ATIVIDADES EM SALA DE AULA

READING FLASH FICTION AND SUGGESTIONS FOR CLASSROOM ACTIVITIES

Júlio César de Carvalho SANTOS¹

Vânia de MORAES²

RESUMO: O tema desta pesquisa é o gênero discursivo miniconto, como instrumento em atividades de leitura para alunos do Ensino Fundamental e Médio. Este trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo sobre o gênero miniconto com vistas à sua utilização em atividades de leitura. Do ponto de vista teórico, este trabalho se fundamenta a partir dos estudos da abordagem sociocognitiva de leitura. O gênero miniconto apresenta aspectos sociais e textuais que são adequados para análise em aulas de leitura, principalmente, por esse gênero ser encontrado em redes sociais muito acessadas pelo público jovem, como o *Facebook* e o *Twitter*. Assim, conclui-se que este estudo contribui para a divulgação do gênero miniconto em atividades de leitura e subsídios para que o professor tenha suporte teórico e metodológico ao inserir o miniconto em sua prática.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros discursivos. Minicontos. Leitura.

ABSTRACT: The theme of this research is the discursive genre flash fiction, as an instrument in reading activities for elementary and middle School students. This work has as objective to develop a study on the genre flash fiction with a view to its use in reading activities. From the theoretical point of view, this work is based on the reading Sociocognitive Approach. The genre presents social and textual aspects that are suitable for analysis in reading classes, mainly due to this genre can be found in social networks that are very accessible to young audiences such as Facebook and Twitter. Thus, it is concluded that this research contributes to the dissemination of the flash fiction genre in reading activities and subsidies so that the teacher has theoretical and methodological support when inserting the mini-center into their practice.

KEYWORDS: Discursive Genres. Flash fictions. Reading.

Introdução

O tema desta pesquisa é o gênero discursivo miniconto como instrumento em atividades de leitura para alunos do ensino fundamental e médio. Este tra-

1. Doutorando em Educação (USP), Mestre em Linguística Aplicada (UNITAU), Campinas - São Paulo - BR jucercarvalho@usp.br ORCID: 000-0002-3372-1643.

2. Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Mestre em Linguística Aplicada (UNITAU), Taubaté - São Paulo - BR vania.unitau@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1095-8234>.

balho tem como objetivo geral desenvolver um estudo sobre o gênero discursivo miniconto com vistas à sua utilização em atividades de leitura. Como objetivo específico, visa-se a propor sugestões de atividades de leitura de miniconto que colaborem para o uso do gênero nas aulas de leitura. Com a apresentação das características discursivas do gênero miniconto, assim como as sugestões para atividades de leitura oferecidas nesta pesquisa, espera-se colaborar com o trabalho do professor de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, buscar atender as necessidades dos discentes com relação à interpretação desse gênero.

A pesquisa teve como fundamentação teórica o estudo do gênero discursivo miniconto e as concepções de leitura. Para realizar este trabalho, foram selecionados minicontos retirados da internet, principalmente, das redes sociais, pois esses meios são o que alunos mais utilizam para leitura do gênero.

Para fins organizacionais, o artigo apresenta, inicialmente, as teorias que envolvem os conceitos de gêneros discursivos, miniconto e as concepções de leitura. Em seguida, traz uma abordagem sobre a leitura de minicontos, destacando as estratégias, os aspectos verbais e não-verbais, a reflexão crítica e finaliza com propostas de atividades de leitura.

1. Fundamentação teórica

O miniconto é um gênero discursivo composto por narrações produzidas com poucas palavras. Para Spalding (2008, p. 59), o miniconto pode ser considerado como “uma narrativa nuclear de poder e efeito semelhante aos da bomba atômica: tudo está condensado em seu núcleo e é dali que deve partir a história projetada, explodida no ato de leitura”. Sua brevidade textual o caracteriza e, de algum modo, o estabiliza em sua composição de gênero discursivo, contudo, essa não é a única particularidade do miniconto a ser considerada.

De acordo com Bakhtin (2011), para se compreender um gênero discursivo é salutar levar em consideração os seus elementos estáveis e suas variáveis. Essas variações são compostas pelo contexto sócio-histórico em que o gênero se apresenta. Desse modo, analisar o miniconto apenas por um viés estruturalista deixa-se de lado a oportunidade de observar como o gênero circula em seus aspectos sociocomunicativos. Assim como relata Santos e Moraes (2019, p. 62):

A investigação do enunciado, ao contrário da forma estruturalista, prestigiará situações como: as condições de produção e circulação, o propósito comunicativo, as formas linguísticas e o estilo. Estudos focados em teorias que não permitem analisar o dinamismo que a produção textual carrega, revelam um déficit investigativo.

O miniconto teve início, em 1959, com o miniconto O Dinossauro do guatemalense Augusto Monterroso. No Brasil, com Dalton Trevisan na coletânea de Alfredo Bosi: O conto brasileiro contemporâneo, década de 70. Destaque também para escritores como: Maria Lúcia Simões, *Contos contidos* (1994); as narrativas de João Gilberto Noll, *Relâmpagos* (1998); Luiz Arraes, *A luz e a fresta* (1999) e *Os cem menores contos brasileiros do século*, uma coletânea de minicontos elaborados por autores, como: Millôr Fernandes, Moacyr Scliar, Manoel de Barros e Dalton Trevisan, organizada por Marcelino Freire, em 2004 e Cem Toques Cravados de Edson Rosatto (2012). Na internet, encontram-se diversas produções de autores anônimos.

1.1 Inferências: conceitos e considerações

O processo de leitura exige uma interação entre o texto e o leitor. Essa interação é necessária para que o leitor possa compreender o propósito do texto e atribuir a ele significados. Solé (1996) enfatiza a importância de se direcionar ao ato de ler inserções inferenciais, para que o texto possa ser bem explorado e compreendido.

A partir desse processo interativo, o leitor poderá adquirir conhecimento, aumentando a sua capacidade cognitiva. Assim, justifica-se o que Coscarelli (2002) afirma quando menciona que para a compreensão textual é necessário haver uma combinação entre a informação exposta no texto e o conhecimento do leitor.

O texto leva o leitor a articular o seu conhecimento prévio para preencher determinadas “lacunas” em seu contexto. Esse procedimento que muitas vezes, é conhecido como os meios implícitos textuais são direcionados ao conceito de inferência, contudo, conforme Vargas (2015):

A noção de lacunas a ser preenchida ainda não contempla uma visão plenamente interativa da leitura e do processamento da informação, uma vez que o foco ainda se encontra no texto e, assim, não se nota uma visão na qual o leitor e texto atuam em igualdade de condições na construção de significados (VARGAS, 2015, p. 315).

Inferências, de acordo com Coscarelli (2002, p. 2), “são operações cognitivas que o leitor realiza para construir proposições novas a partir de informações que ele encontrou no texto”. Embora o conceito de inferência esteja atrelado ao processo de compreensão, ainda assim, há situações divergentes nesse processo, pois cada leitor poderá realizar uma inferência, de acordo com o conhecimento e expectativas que o conteúdo lhe convier.

Desse modo, o significado do texto, também, é construído pelo leitor, através daquilo que ele traz de conhecimento e do que ele pretende com a leitura. Contudo, apesar de haver uma relativa liberdade para as inferências, Coscarelli (2003) defende que as inferências feitas pelo receptor do texto devem ser permitidas pelo contexto, caso contrário, poderão surgir leituras contraditórias do que foi proposto pelo autor.

Vargas (2015) discute que o procedimento de leitura inferencial não pode ser apenas sancionado com a prioridade de tentar compreender o texto acionando o conhecimento prévio do leitor e, a partir dele, ser capaz de entender o que o autor quis articular em suas ideias. A interatividade se faz essencial para se atribuir significado ao texto. Se não houver interação, as inferências realizadas na leitura não serão, de fato, instrumentos para a compreensão textual.

Outro aspecto sobre o conceito de inferência são os critérios apresentados por Coscarelli (2003) sobre o que seria de fato uma inferência. O primeiro viabiliza o procedimento de inferenciação quando o leitor acrescenta informações que não foram inseridas na composição textual; o segundo, quando o leitor tem a opção de inserir uma informação, se a informação for obrigatória perderá o valor inferencial.

A inferência é um procedimento do leitor quando este articula com o texto, depositando nele seu conhecimento de mundo para obter um significado às informações não explicitadas. A partir do significado obtido pelo leitor, ele será capaz de estabelecer compreensão e conseguirá interagir com a proposta pretendida pelo autor, contudo, conforme exposto, essas inferências não podem extrapolar o contexto exposto no texto para não ocorrerem leituras contraditórias.

1.2 A abordagem sociocognitiva de leitura

De acordo com Marcuschi (2008), a língua é vista como um conjunto de atividades sociais e históricas. Ela não pode ser regida como um sistema fechado, ignorando suas manifestações de uso. Desse modo, analisar a língua em um estudo dirigido a seus valores morfológicos ou sintáticos, por exemplo, tende a ser uma maneira generalizada, deixando de lado o contexto em que a língua é utilizada, as diversas situações de comunicação e a influência do contexto social e histórico em sua constituição.

A linguagem é mediada por indícios que colaboram para expor as manifestações culturais e situar o leitor em um determinado cenário. Segundo Koch

(2005b), a linguagem medeia uma interação entre o mundo considerado biológico e o que é referenciado no mundo sociocultural. Perante a isso, a linguagem está preenchida de valores que não são apenas característicos de um determinado tipo de texto, ela transcende a composição estrutural do texto para exemplificar os seus meios ideológicos. Marcuschi (2008) discute que para haver uma compreensão bem-sucedida de um texto, o conceito do ato de compreender deve envolver o posicionamento ativo do leitor.

Outro fator importante a retratar refere-se ao conhecimento carregado pelo leitor que acentua a compreensão e a receptividade perante ao texto. Em uma abordagem cognitivista, o conhecimento é estruturado na mente do indivíduo com a finalidade de resolver situações vivenciadas no ambiente. Ambiente que é analisado e representado internamente, como mencionado por Koch (2005a). A autora, todavia, ressalta a importância da atuação do indivíduo na sociedade, propondo-se a elucidar o que se faz necessário:

Uma visão que incorpore aspectos sociais, culturais e interacionais à compreensão do processamento cognitivo baseia-se no fato de que grande parte dos processos cognitivos acontece na sociedade e não exclusivamente nos indivíduos. Essa visão, efetivamente, tem se mostrado necessária para explicar tanto os fenômenos cognitivos quanto culturais. (KOCH, 2005a, p. 98-99).

Tendo a língua e a linguagem, em uma abordagem sociocognitiva, inseridas em um ambiente social e histórico, o texto, por sua vez, é constituído por valores e não poderá ser avaliado de forma procedimental, eximindo as referências que traz em seu contexto. Logo, o texto é visto como um exemplar de gênero discursivo, e não como uma identificação simplória, estipulando a que tipologia textual se enquadra.

Segundo Koch (2005a), o contexto passa a ser construído pela interação entre sujeitos. O leitor articula os ideais propostos no contexto do texto, agindo de forma ativa, expondo seu conhecimento e inserindo inferências nas marcas de interpretação não especificadas claramente. Essa interatividade entre os interlocutores, como mencionado pela autora, permite uma ação dialógica entre os sujeitos, sendo que o leitor, além de identificar a parte organizacional e mobilizar o seu conhecimento, interage com o que lhe é exposto.

2. A leitura de minicontos

Com o objetivo de fornecer subsídios para que o professor possa utilizar o miniconto como proposta de leitura, esta análise destaca, inicialmente, a importância da elaboração de questões que visem atender às expectativas de compreensão do texto e não apenas decodificar informações explícitas.

A partir das contribuições de Lopes-Rossi (2005), será apresentada uma sugestão de como o professor poderá se organizar para realizar um estudo sobre o gênero miniconto, antes de incluí-lo como atividade de leitura e, por último, serão expostas algumas sugestões de propostas de leitura de minicontos visando a uma leitura crítica do gênero.

Ensinar a ler é um desafio que se inicia desde o processo de alfabetização. Dadas as devidas circunstâncias de aprendizagem, em cada momento da vida escolar, a leitura se aprofunda, concomitantemente, ao acúmulo de conhecimento que os alunos vão adquirindo. Isso pode ser notado pela seleção de textos encontrada nos livros didáticos, que vai trazendo ao longo de cada volume, produções mais elaboradas e com certo grau de dificuldade.

Todavia, consoante Marcuschi (2013), as questões inseridas nos livros didáticos, com a finalidade de propor leitura e interpretação, carregam problemas de compreensão por abordarem questionamentos ineficientes e descontextualizados. Tratando-se de um gênero pouco trabalhado na escola, os critérios utilizados pelo livro didático não atenderão às informações importantes e essenciais à compreensão textual. Solé (1996) atribui que o conceito de leitura é um procedimento de interações entre o leitor e o texto; desse modo, uma interpretação superficial e pouco reflexiva não permite que haja essa interação exposta pela autora.

Sem essa interatividade, o estudante será conduzido a uma leitura meramente decodificadora, cujo objetivo será apenas reconhecer informações explícitas do texto ou responder a exercícios descontextualizados ao tema proposto. Para ilustrar uma atividade em que o gênero miniconto foi selecionado somente como um mero exercício, sem valorizar o assunto principal do texto, foi escolhida uma atividade de um site destinado a professores de língua portuguesa. O exemplo visa demonstrar como as atividades que não aprofundam a leitura do texto tornam a análise do miniconto superficial.

Quadro 1 - Exemplo de atividade de leitura

Colégio Novo

A criança roda e roda e roda procurando uma outra com pernas iguais às suas. Encontra risos e cochichos. Para de rodar e pede que a empurrem de volta para casa.

Marcelo Spalding

Possibilidades

Há a possibilidade do professor fazer com que o aluno complete a história. Desta maneira, tornando o Miniconto, um Conto. Servindo como introdução para o gênero Conto. Caso o professor prefira, é interessante que o aluno já conheça o gênero Conto, fazendo o caminho inverso.

Fonte: Site Educador Criativo

Fonte: <<https://bit.ly/2JjOcXu>>. Acesso em 15 de fev. 2018.

As atividades propostas, além de conterem erros gramaticais consideráveis, não permitem que o professor conduza uma aula de leitura em que o aluno tenha contato com a temática proposta do texto, ou seja, falar sobre a situação de mobilidade da criança e o comportamento dos colegas em razão de sua condição de vida. Observa-se que há informações no texto que revelam significados pertinentes para o leitor e que podem, até mesmo, propor discussões em sala. Alguns questionamentos seriam pertinentes para a investigação desse miniconto, abordando perguntas que colaborassem para que o aluno entenda o texto e possa dialogar com ele, como:

- * identificação do personagem;
- * ambiente em que circula a história;
- * o comportamento dos alunos diante de um novo colega cadeirante;
- * reconhecimento dos implícitos do texto;
- * discussão de temas, como: inclusão, bullying, entre outros.

Se a proposta de análise desse miniconto for apenas essa sugerida pelo site, o aluno não lerá o miniconto observando os implícitos e não terá a dificuldade de compreender o que o texto diz, pois o ato de utilizar o miniconto como introdução para a produção de um conto não necessariamente introduz o aluno ao gênero. O que o exercício propõe é utilizar o miniconto apenas como um recurso para uma atividade de produção textual.

Na elaboração de minicontos, os autores se valem de algumas estratégias de produção que exigem uma participação do leitor. Como afirma Rossatto (2012, p. 225), “o autor conta com a participação ativa do leitor na criação da história”. Assim, muitas vezes, em minicontos mais curtos, o autor contará com as inferências do leitor para que haja compreensão, portanto, uma análise superficial do texto não destacará esse recurso importante à criatividade do gênero.

No intuito de apresentar uma proposta de leitura de minicontos, destacam-se as contribuições de Lopes-Rossi (2005) em seu artigo: *A formação do leitor proficiente e crítico a partir das características específicas dos gêneros discursivos*. A autora sugere quatro estratégias de leitura que permitem a compreensão do texto por meio das especificidades do gênero discursivo, sendo elas:

- 1) ativação do conhecimento prévio antes da leitura – enfoque nas condições de produção e circulação do gênero e no assunto específico daquele texto-, por meio de leitura global; 2) estabelecimento de objetivo(s) de leitura em função do assunto e das características do gênero discursivo a que pertence o texto a ser lido; 3) leitura detalhada do texto verbal e do não-verbal para a construção dos objetivos estabelecidos; 4) reflexão crítica sobre o texto, a partir de critérios pertinentes ao gênero discursivo (LOPES-ROSSI, 2005, p. 4).

Para a análise dessas quatro estratégias propostas pela autora, inicialmente, serão expostas informações importantes que precisam ser verificadas pelo docente, antes de serem criadas atividades de leitura adequadas aos alunos. As quatro estratégias serão examinadas a partir da leitura de minicontos retirados de livros, das redes sociais (Twitter ou Facebook) e de sites ou *blogs*.

3. Estratégias de leitura

Para que o professor visualize como o gênero miniconto pode ser inserido como uma proposta de leitura e interpretação, serão apresentadas as considerações feitas por Lopes-Rossi (2005), a partir de quatro estratégias de leitura. Essas estratégias visam colaborar com o trabalho realizado em sala de aula.

As duas primeiras estratégias de leituras, sugeridas por Lopes-Rossi (2005), referem-se ao conhecimento prévio do leitor a partir das condições de produção e circulação do gênero e o estabelecimento de seus objetivos de leitura. Na primeira estratégia, a autora sugere que sejam realizadas algumas questões que apresentem as características discursivas do gênero, respondendo às possíveis perguntas:

Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo? Com que propósito? Onde? Quando? Como? Com base em que informações? Como o redator obtém as informações? Quem escreveu este texto que estou lendo? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influência pode sofrer devido a essa leitura? Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular na sociedade? (LOPES-ROSSI, 2005, p.4)

Em se tratando de um gênero pouco explorado para fins didáticos, algumas dessas respostas precisam ser mediadas pelo professor, pois apesar de os minicontos serem considerados de grande divulgação entre o público estudantil, pode haver aqueles que desconheçam o gênero. Caso não haja o reconhecimento por parte do aluno sobre os aspectos discursivos do miniconto, o aluno terá limitações ao estabelecer inferências à leitura, conforme Lopes-Rossi (2005, p.5), “Se o leitor conhece o gênero discursivo a que pertence o texto, associa as informações de suas condições de produção e pode melhor formular hipóteses e estabelecer inferências [...]”.

Desse modo, para que essa etapa seja concluída satisfatoriamente, é necessário que o aluno tenha conhecimento dos aspectos sociocomunicativos do miniconto. A compreensão do texto se torna mais adequada quando o leitor é capaz de reconhecer como o gênero se estrutura e a partir disso inferir informações que o ajudem a entender o texto e sua proposta.

Quadro 2 - 1ª estratégia de leitura (Ativação do conhecimento prévio do leitor)

Questionamentos para abordagem inicial à leitura do miniconto:	Respostas à primeira abordagem de leitura para minicontos:
1. Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo?	1. Os minicontos podem ser escritos por qualquer pessoa que se interesse pelo gênero.
2. Com que propósito?	2. Chamar a atenção do leitor a uma história construída em poucas palavras.
3. Onde? Quando? Como?	3. Os minicontos são encontrados em sites específicos, em redes sociais ou em coletâneas publicadas em livros. As primeiras produções de miniconto no Brasil ocorreram na década de 70 com Dalton Trevisan, hoje os leitores desse gênero podem ter acesso com mais facilidade na internet.
4. Com base em que informações? Como o redator obtém as informações?	4. Geralmente, os minicontos relatam informações do cotidiano. Essas informações são obtidas a partir dos acontecimentos que envolvem o cenário cultural, social e político do autor.
5. Quem escreveu este texto que estou lendo? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influência pode sofrer devido a essa leitura? Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular na sociedade? (LOPES-ROSSI, 2005, p. 4).	5. Os minicontos podem ser escritos por autores conhecidos ou anônimos. Leitores de diversas faixas etárias. Para o entretenimento. O miniconto é encontrado na internet. O leitor pode se identificar na história ou reconhecer a importância do tema. O gênero é construído a partir de temas do cotidiano, assim como no exemplo, retratar sobre o tema: solidão.

Fonte: Elaboração própria.

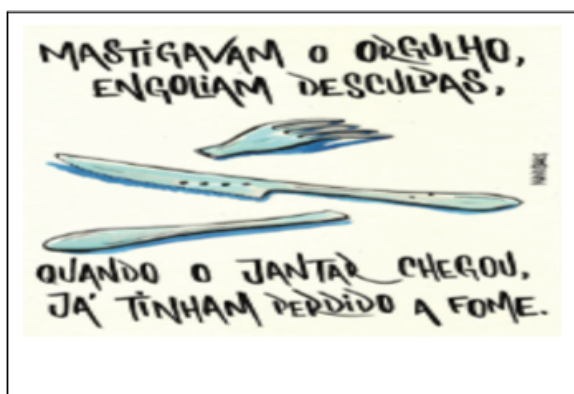
Quanto à segunda estratégia, não há como identificar um objetivo específico para a leitura de um miniconto, após a leitura global do gênero. Isso se deve, principalmente, à brevidade textual e às diversas temáticas e formas que o miniconto pode conter.

Os minicontos, ao contrário de outros gêneros de caráter narrativo, não trazem uma característica textual específica que os identifiquem. Em narrativas de aventura, por exemplo, o leitor almeja encontrar um herói em seu contexto; em uma crônica, espera-se que a história seja desenvolvida a partir de uma situação do cotidiano. Já nos minicontos essas características textuais específicas não aparecem.

4. Leitura dos aspectos verbais e não-verbais

Os aspectos verbais e não-verbais do miniconto dizem muito sobre a construção do texto e da sua intencionalidade. Devido à quantidade limitada de texto, os aspectos não-verbais são pouco evidenciados no gênero, contudo, alguns autores utilizam desse recurso para enaltecerem a proposta sugerida pelo contexto. Nos exemplos que seguem, o autor utilizou-se de um aspecto não-verbal para consolidar a ideia pretendida pelo contexto.

Figura 1 - Aspectos não-verbais do miniconto - 1



Fonte: <<https://bit.ly/2JkiYzn>>. Acesso em 13.fev.2018.
Autor: Manussakis

Figura 2 - Aspectos não-verbais do miniconto - 2



Fonte: <<https://bit.ly/2JkiYzn>>. Acesso em 13.fev.2018.
Autor: Manussakis

Nas figuras 1 e 2, o autor usou imagens para ilustrar os acontecimentos evidenciados no texto. Na primeira figura, a imagem do garfo quebrado reforça a situação conflitante entre os integrantes do jantar. Na figura 2, a imagem da lágrima representa o sofrimento do marido quanto ao divórcio, enquanto a

imagem do diamante demonstra a verdadeira intenção da esposa com o rompimento do casamento.

Quanto aos aspectos verbais, o leitor precisa ficar atento com a seleção de palavras e sua intencionalidade no texto. Conforme mencionado, o miniconto é um gênero que possui uma quantidade limitada de palavras, sendo assim, o autor precisa se valer de recursos que possam colaborar para a criatividade de seu texto (SANTOS, 2016). O uso de polissemias, de discurso direto, de pontos de exclamação e interrogação são alguns recursos utilizados na produção de minicontos. No quadro 3, serão apresentados alguns aspectos verbais que possam ser observados em uma leitura mais detalhada do gênero.

Quadro 3 - Análise dos recursos verbais utilizados em minicontos

Exemplos	Recursos verbais
<p><i>Tem um real, moço?</i> <i>Tenho sim, mas não vou dar!</i> <i>Preferia as mentiras quentes às verdades frias.</i></p> <p>(ROSSATTO, 2012, p. 27)</p>	<p>Discurso direto. Os acontecimentos são demonstrados a partir de um diálogo entre as personagens sem a necessidade de uma introdução na história. O autor já apresenta a partir das falas uma situação de conflito.</p>
<p>Duzentos mil acessos! <i>Seu blog foi o mais visto naquele dia.</i> <i>Entretanto, não tinha para quem contar.</i></p> <p>(ROSSATTO, 2012, p. 61)</p>	<p>Pontuação. A frase exclamativa é um recurso utilizado pelo autor, para exprimir a ideia de popularidade ao referido blog, mesmo que no decorrer do texto isso não seja muito significativa à vida solitária da personagem.</p>
<p>Polissemia <i>O relatório tinha mais de trinta páginas. Chegou cedo à reunião para entregá-lo e ainda explicar os pontos principais e tirar alguma dúvida, se houvesse.</i> <i>Na saída, o colega a alcançou.</i> <i>_ Não entendo como você pode trabalhar tanto. Seu relatório ficou tão detalhado e tão longo. Parabéns. Mas vem cá, trabalhando desse jeito você ainda tem tempo pra namorar? Ela levou um susto_ Namorar? Mas eu sou casada! Ah... você quer dizer...</i> <i>Ambos riram.</i> <i>Levou um segundo até que ela se deu conta da polissemia.</i> <i>_ Namorar? A gente acha tempo, né?</i> (Stella Bortoni)¹</p>	<p>Semântica: O uso da polissemia no texto já se evidencia pelo título. O valor polissêmico da palavra: namorar é o que faz com que o leitor compreenda a real intenção da pergunta feita pelo colega de trabalho.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

Não se pode afirmar que apenas são estes os recursos verbais utilizados por autores de minicontos, os exemplos citados servem como parâmetros para as variadas possibilidades de aspectos verbais que se encontram no gênero. A escolha

do léxico e o uso de variantes linguísticas também são encontrados como uma forma de explanação do miniconto. Em produções presentes em redes sociais, por exemplo, são produzidos minicontos que contêm termos comumente usados por usuários da internet e que se tornaram comuns no repertório de escrita do aluno, assim como no miniconto abaixo:

Bem-sucedido, neto de imigrantes europeus q fugiram da Guerra e aqui fizeram fortuna, hoje ele acredita q refugiados são parasitas da nação³.

O uso suprimido da palavra que sugere um repertório textual desprovido da norma-padrão da língua e mais próximo do vocabulário utilizado por usuários da internet em redes sociais, como o Twitter. Embora não seja a forma mais comum a ser trabalhada em sala de aula, vale a intenção do texto em se aproximar dos possíveis leitores de sua página no Twitter que estão mais interessados no contexto do miniconto do que com a maneira como é escrito.

Os aspectos verbais e não-verbais de um gênero são de extrema importância para compreender como ele foi criado, destacando sua intencionalidade e criatividade textual. Nos questionamentos apresentados, optou-se por investigar como essa construção contribui para uma análise mais construtiva do texto. Contudo, as observações descritas devem ser mediadas pelo docente para que o aluno não tenha dificuldades em sua leitura.

É importante destacar que os procedimentos apresentados devem ser observados pelo docente antes de serem aplicadas as atividades de leitura, uma vez que esses recursos, principalmente os verbais, se não forem compreendidos pelo aluno podem dificultar o entendimento do texto.

5. Reflexão crítica sobre o gênero

Depois que são utilizadas as estratégias de leitura anteriores, Lopes-Rossi (2005) considera relevante que sejam apresentadas as impressões que o leitor obteve em contato com o gênero. Essa reflexão é viável para que o professor possa verificar se foi atingindo seus objetivos com a leitura de minicontos, pois é nesse momento que o aluno vai expor sua opinião a respeito do gênero.

Rossatto (2012) alerta sobre a necessidade de a escolha do miniconto ou microconto corresponder ao conhecimento prévio do leitor, sem levar isso em conta, não haverá a compreensão do texto, e a proposta de trabalho ficará prejudicada. Desse modo, o professor precisa ter bem claro o objetivo com a leitura de

3. Fonte: <<https://twitter.com/minicontos>>. Acesso em 13 de fev. 2018. (autor desconhecido)

minicontos, mediar as possíveis dificuldades de compreensão e conhecer os seus alunos para que esse gênero seja um instrumento de aprendizagem.

Desse modo, o que se torna primordial para que a atividade de leitura de minicontos seja uma atividade eficiente é o cuidado na escolha de textos compatíveis ao repertório dos alunos. Como o miniconto pode ser considerado um gênero novo para as aulas de leitura e interpretação, deve-se levar em conta a maneira como será o seu processo de aprendizagem. Schneuwly e Dolz (2004) argumentam que os objetivos de uma sequência didática exigem uma adequação às capacidades e limitações dos alunos envolvidos. Para isso, os autores sugerem que os procedimentos didáticos sejam abordados por meio de um processo gradual. Assim, destacam:

1. adaptar a escolha de gêneros e de situações de comunicação às capacidades de linguagem apresentadas pelos alunos;
2. antecipar as transformações possíveis e as etapas que poderiam ser transpostas;
3. simplificar a complexidade da tarefa, em função dos elementos que excedem as capacidades iniciais das crianças;
4. esclarecer com os alunos os objetivos limitados visados e o itinerário a percorrer para atingi-los;
5. dar tempo suficiente para permitir as aprendizagens;
6. ordenar as intervenções de maneira a permitir as transformações;
7. escolher os momentos de colaboração com os outros alunos para facilitar as transformações;
8. avaliar as transformações produzidas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 46).

Minicontos mais extensos e que possuem características narrativas mais acentuadas são mais fáceis de serem compreendidos e podem ser trabalhados para as séries mais jovens ou como elemento introdutório para as mais avançadas. Os minicontos a seguir, por exemplo, podem ser utilizados para esse início das atividades com o gênero.

Andragogia⁴

Quando terminamos de assistir ao filme – Bambi, falei para meu filho de quatro anos: - Muito triste, pois a mãe morre no início da história. Ele me abraçou e respondeu: - Não mãe, é só voltar para o início que ela está lá.

(Ana Mello)

4. Ensino para adultos. Fonte: <<https://bit.ly/2pgnOER>>. Acesso em 15 de fev. 2018.

Uma boa história

Toda terça nos encontrávamos na parada do ônibus. Ela me olhava e sorria como se fosse dizer algo, temia em perguntar qualquer coisa com medo que ela não me deixasse fazer mais nada durante todo o trajeto. Um dia ela perguntou se eu realmente era uma escritora e respondi que sim. Então ela disse que tinha uma história para contar, igual a tantos outros que querem ver suas histórias magicamente escritas e publicadas - pensei. E ela contou por mais de mil viagens sem parar e eu sempre pedia mais, querendo que as viagens nunca terminassem.

(Ana Mello)⁵

Nos exemplos, encontram-se características bem marcadas de textos narrativos: personagem, enredo, tempo, espaço e narrador, além disso, as autoras não utilizaram expressões ou subentendidos que exijam um conhecimento específico para que sejam compreendidos. Iniciar a leitura de minicontos com a leitura de exemplos como esses permite que o aluno tenha contato com o gênero, percebendo que é possível contar uma história por intermédio de poucas palavras.

Com a prática de leitura e a mediação sempre essencial do professor, o aluno gradativamente poderá ser exposto a textos mais curtos e com especificidades que omitem determinados trechos da história, contando com o conhecimento prévio do leitor e de suas inferências. Para se chegar a esse nível, o aluno deve corresponder inicialmente, conforme mencionado, a textos mais simples e depois ter contato com textos mais complexos.

Os minicontos a seguir de Rossatto (2012) foram construídos para leitores que sejam capazes de reconhecer algumas expressões e contextos sociais indispensáveis à compreensão do texto. Observe-se que pela própria análise do autor, ele já sugere qual seria o público específico para cada texto.

Quadro 4 - Categorias possíveis de público-leitor de minicontos

Classificado: Troco meu império jornalístico por kit com trenó de neve e telefone de Orson Welles.

Público específico: pessoas que assistiram ao filme Cidadão Kane, de Orson Welles. O personagem Kane possuía um império jornalístico e esse trenó é uma peça-chave na história do filme. (ROSSATTO, 2012, p. 240).

Monarquista convicto, subiu na Pedro II e desceu na Anhangabaú. Desembarcar na República nem pensar.

Público específico: cidadãos da cidade de São Paulo. Pedro II, República e Anhangabaú são nomes de estação de metrô dessa cidade. (ROSSATTO, 2012, p.240)

5. O dois textos de Ana Mello retirado do site:<<https://bit.ly/30k6BsO>>. Acesso em 15 de fev. 2018.

Pensou em Bia e tuitou "Amo você!". Também te amo!", respondeu Ana...e Sara...e Vera... e Rose...

Público específico: usuários do Twitter. Quem não tem familiaridade com essa rede social não compreenderá o verbo neologista "tuitar" (ROSSATTO, 2012, p. 240-241)

Madame Ana faz e desfaz qualquer trabalho...Após várias ligações, a correção na placa: Menos TCC.

Público específico: acadêmico. Quem não está familiarizado com assuntos de universidade não sabe que TCC são as iniciais de Trabalho de Conclusão de Curso. (ROSSATTO, 2012, p. 241)

Classificado: Procuo filho desaparecido. Visto pela última vez em 1968 em passeata da UNE.

Público específico: familiarizados com história brasileira. A partir da década de 1960 até a década de 1980, muitos integrantes da UNE - União Nacional dos Estudantes - desapareceram misteriosamente ao questionar o regime militar vigente. (ROSSATTO, 2012, p. 241).

Fonte: Rossato (2012).

O critério de escolha dos minicontos torna-se essencial para que a leitura detalhada seja coerente. Minicontos que não atendam à faixa etária dos alunos, possivelmente, não despertarão interesse e podem não ser compreendidos. Daí surge a importância de serem escolhidos minicontos que os alunos possam entender as propostas de análise e reconheçam os temas abordados.

6. Propostas de atividades de leitura

A partir das estratégias de leitura mencionadas por Lopes-Rossi (2005), serão apresentadas algumas propostas de atividades de leitura de minicontos, considerando os aspectos sociocomunicativos e linguístico-textuais do gênero.

Inicialmente, o leitor é instigado, por meio de uma leitura global do texto, a elencar alguns aspectos que devem ser verificados apenas no início da atividade de leitura de miniconto, já que independentemente do texto essas indagações não se diferenciam. Posteriormente, serão destacados meios que promovam uma leitura mais detalhada do gênero, buscando ilustrar informações mais específicas do texto.

O primeiro procedimento busca despertar o conhecimento prévio do leitor sobre o gênero. Desse modo devem ser levantadas questões que visem despertar o que aluno sabe sobre o gênero que será trabalhado na aula. Seguem perguntas que possam ser realizadas para se atingir esse objetivo.

1. O que são minicontos?
2. Como se considera um texto como miniconto?

3. Qual a finalidade de se produzir um miniconto?
4. Quais assuntos / temas podem ser abordados em um miniconto?
5. Quais os autores conhecidos de minicontos?
6. O que diferencia um miniconto de um conto?
7. Onde os minicontos são publicados?
8. Como geralmente essas histórias são construídas?
9. Por que os minicontos atraem tantos leitores?

O segundo procedimento refere-se aos objetivos de leitura. Como abordado, os minicontos, por sua variedade de temas e formas, não permitem que seja traçado um objetivo específico de leitura, contudo, o professor pode apresentar quais são as suas expectativas com essa atividade, demonstrando ao aluno o porquê da escolha desse gênero nas aulas de leitura.

O terceiro procedimento trata da leitura detalhada do gênero, nessa etapa serão elencadas informações do texto que são necessárias para a sua compreensão. No intuito de exemplificar como esse procedimento poderá ser executado na leitura de minicontos, são propostas algumas perguntas que não impedem outros questionamentos específicos que possam ser abordados pelo professor.

1. Do que se trata o miniconto?
2. Como os personagens são identificados no texto?
3. Que fato(s) sugere(m) o momento de tensão da história?
4. Qual a situação de conflito na história?
5. Há termos que revelam como é o ambiente da história?
6. Existem termos ou expressões que revelem a intencionalidade do autor? Se sim, qual a importância para a compreensão do texto?
7. O final do texto atende às expectativas iniciais? O que ficou subentendido?

Para exemplificar melhor o uso desses questionamentos em uma leitura detalhada do gênero, seguem minicontos analisados a partir das perguntas elaboradas.

Exemplo 1

No parquinho, negros, brancos... Todos com daltonismo social. Quando crescem, infelizmente se curam (ROSSATTO, 2012, p.70).

Quadro 5 - Leitura detalhada (Exemplo 1)

Questões	Possíveis respostas
1. Do que se trata o miniconto?	Sobre o relato de uma cena com crianças negras e brancas em um parquinho.
2. Como os personagens são identificados no texto?	Trata-se de crianças pelo ambiente mencionado no texto: no parquinho.
3. Que fato(s) sugere(m) o momento de tensão da história?	O fato de o narrador questionar crianças brancas e negras brincando no mesmo parquinho.
4. Qual a situação de conflito na história?	Quando as crianças crescem, começam a perceber a diferença social entre raças.
5. Há termos que revelam como é o ambiente da história?	No parquinho.
6. Existem termos ou expressões que revelem a intencionalidade do autor? Se sim, qual a importância para a compreensão do texto?	Sim, "Todos com daltonismo social". O termo é essencial para a postura crítica do narrador, pois remete à ideia de que somente quando somos crianças não somos capazes de perceber a diferença social, de acordo com a cor da pele das pessoas.
7. O final do texto atende às expectativas iniciais? O que ficou subentendido?	Sim, o narrador ao mencionar que: "Quando crescem, infelizmente se curam", revela que o daltonismo social é curado na vida adulta, quando se percebe a discriminação existente entre as raças.

Fonte: Elaboração própria.

Exemplo 2 - Vida em duas vias

Vida leve, leve como a fumaça de um cachimbo, como os dedos ágeis e os pés ligeiros que agarram a bolsa da senhora em uma fuga alucinada. Vida dura, dura como chão gelado e mal cheiroso em que dormia, como a grana curta para o pão ou o feijão que quase nunca ele comia. Dura como a bala do PM que cruzou o seu caminho.

(André Rafanhin)⁶

Quadro 6 - Leitura detalhada (Exemplo 2)

Questões	Possíveis respostas
1. Do que se trata o miniconto?	Sobre a vida e o fim trágico de um morador/menino de rua.
2. Como os personagens são identificados no texto?	Há apenas um personagem descrito como morador de rua, ladrão e usuário de drogas.
3. Que fato(s) sugere(m) o momento de tensão da história?	O texto já se inicia com um momento de tensão que resultará em seu desfecho, quando o personagem descrito rouba a bolsa de uma senhora.

6. Fonte: <<https://bit.ly/2XYopME>>. Acesso em 27 set. 2017.

4. Qual a situação de conflito na história?	A representação dos dilemas sociais em que o personagem transita.
5. Há termos que revelam como é o ambiente da história?	O ambiente é representado pelas condições de moradia do personagem: [...] chão gelado e mal cheiroso em que dormia.
6. Existem termos ou expressões que revelem a intencionalidade do autor? Se sim, qual a importância para a compreensão do texto?	Sim, expressões como: leve como a fumaça de cachimbo (representando o consumo de drogas) e Dura como a bala do PM (representando o fim trágico do personagem).
7. O final do texto atende às expectativas iniciais? O que ficou subentendido?	Sim, apesar de o texto não detalhar precisamente os atos do personagem, nota-se a representação de como é a vida dos usuários de drogas e o fim trágico de suas vidas.

Fonte: Elaboração própria.

Os minicontos apresentados buscam exemplificar uma proposta de atividade de leitura que vise contemplar os aspectos do gênero discursivo e fazer com que o aluno consiga compreender o texto. Como ressaltado, o professor, além das questões, aqui apresentadas, poderá utilizar outras que possam se adequar à realidade dos seus alunos e à sua proposta pedagógica.

O quarto procedimento trata de uma análise sobre o resultado da atividade de leitura com minicontos. Lopes-Rossi (2005) relata que após os procedimentos anteriores, o leitor seja capaz de avaliar os textos e emitir opiniões sobre ele.

Essa reflexão crítica permite ao professor identificar quais foram os pontos positivos e negativos na construção de seu projeto de leitura e rever a sua prática pedagógica. Perguntas, como as que seguem, podem contribuir para obtenção desses resultados.

1. Você gostou de ler minicontos?
2. O que mais chamou a sua atenção nos textos propostos para leitura?
3. Você teve alguma dificuldade na compreensão dos textos? Em que textos? Quais foram as suas dificuldades?
4. Após a explicação do professor, você conseguiu superar suas dificuldades ou ainda há algo que não ficou claro para você? Comente.

Assim como as outras questões propostas nesta pesquisa, o professor poderá formular perguntas que sejam adequadas ao seu cenário. Contudo, o importante é poder, por meio das respostas obtidas pelos alunos, ter um parâmetro de como a atividade foi efetivamente produtiva para eles e, a partir desse

resultado, conseguir obter informações que auxiliem o trabalho docente para projetos futuros com o gênero.

Considerações finais

As propostas aqui elaboradas tiveram como meta não permitir que a análise do miniconto seja feita como alguns livros didáticos vêm explorando outros gêneros. Os questionamentos expostos tiveram como objetivo mostrar para o professor que a leitura de minicontos deve instigar o aluno a lê-los cada vez mais, deve despertar o seu conhecimento prévio dos temas abordados para que ele possa expressar sua opinião a respeito e conseguir perceber os implícitos que os autores trazem nessas construções.

Com as sugestões demonstradas neste trabalho, abre-se uma oportunidade de estudos posteriores trabalharem com o gênero sob outras perspectivas, como produção escrita de minicontos ou trabalhos multidisciplinares com o gênero. Espera-se que este estudo tenha colaborado para que os professores tenham interesse em utilizar o gênero em suas aulas e que se despertem mais leitores desses pequenos textos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952-53]. p. 261-306.
- COSCARELLI, Carla. V. Reflexões sobre as inferências. *Anais do VI CBLA – Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Faculdade de Letras da UFMG, CD Rom, 2002*.
- _____. *Inferência: Afinal o que é isso?* Belo Horizonte: FALE/UFMG. Maio, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/32crPKN>>. Acesso em 25 abr. 2007.
- KOCH, Ingedore G. V. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (Org.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005a. p. 96-97.
- _____. A construção dos sentidos do discurso: uma abordagem sociocognitiva. *Investigação*, Recife, v.18, n.2. p. 9-38, 2005b.
- LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. A formação do leitor proficiente e crítico a partir de características específicas dos gêneros discursivos. *Intercâmbio*. São Paulo: PUC/SP, vol. 14, 2005. CD-Rom.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- ROSSATTO, Edson. *Cem toques cravados*. São Paulo: Editora Europa, 2012.
- SANTOS, Júlio Cesar de Carvalho. O gênero miniconto por uma perspectiva bakhtiniana. *Pesquisa em Discurso Pedagógico*. Rio de Janeiro, v. 2, 2016.

SANTOS, Júlio Cesar de Carvalho; MORAES, Vânia de. Os aspectos sociocomunicativos, composicionais e dialógicos do gênero miniconto. *Polifonia*. Cuiabá- MT, v. 26, n.41, p. 61-83, 2019.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 35-60.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1996. p. 21-24.

SPALDING, Marcelo. *Os Cem Menores Contos Brasileiros e a Reinvenção do Miniconto na Literatura Brasileira Contemporânea*. 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VARGAS, Diego da Silva. Por uma visão cognitivista do processo de inferenciação de leitura. *Ciências & Cognição*, v. 20, n. 2, p. 313-330. 2015. Disponível em: <<https://ciencia-secognicao.org>>. Acesso em 08 jun. 2017.